

**A organização romanesca em *O Homem Duplicado* de José Saramago.** Juliana do Couto Machado – Inter-áreas – Letras – Departamento de literatura – Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Assis.

Quando o leitor se depara com a aparente complexidade do romance, não supõe que seu texto tem certas marcas que permitem delinear o projeto ao qual o escritor empenha-se em construir. Nesta primeira etapa da análise, buscaremos identificar quais sejam estas marcas para, posteriormente, usarmos destas para apontar a realização artística de *O Homem Duplicado*.

Saramago é conhecido por utilizar frases e períodos compridos, usando a pontuação de uma maneira não convencional (aparentemente incorreta aos olhos da maioria). Os diálogos das personagens são inseridos nos próprios parágrafos que os antecedem, de forma que não existem travessões nos seus livros: este tipo de marcação das falas propicia uma forte sensação de fluxo de consciência, a ponto de o leitor chegar a confundir-se se certo diálogo foi real ou apenas um pensamento. Muitas das suas “sentenças” ocupam mais de uma página, usando vírgulas onde a maioria dos escritores usaria pontos finais. Da mesma forma, muitos dos seus parágrafos ocupariam capítulos inteiros de outros autores. Apesar disso o seu estilo não torna a leitura mais difícil, os seus leitores habituariam-se facilmente ao seu ritmo próprio.

Tal marca vem não apenas um capricho seu, mas a sua volta para a base da oralidade, onde a pontuação é substituída por pausas longas e breves, tal qual ocorre na fala. Factualidade esta que aponta para mais uma característica do escritor, a sua propensão ao estilo barroco de Antonio Vieira, visto que, por seus períodos serem muito longos, eles recheiam-se de quiasmos, inversões, etc, num claro culto ao estilo conceptista.

Estas características tornam o estilo de Saramago único na literatura contemporânea: é considerado por muitos críticos um mestre no tratamento da língua portuguesa. Apesar de tardio, seu reconhecimento é certo. Já em 2003, o crítico norte-americano Harold Bloom, em seu livro *Gênio: um mosaico de cem exemplares mentes criativas* considerou José Saramago “o mais talentoso romancista vivo no mundo atual,” referindo-se a ele como “o mestre”. Declarou ainda que Saramago é “um dos últimos titãs de um gênero literário que está suspirando”.

Aceitando que Saramago possui em seus romances um estilo de narrador que vive a emitir opiniões, devemos enxergar que tipo de voz é esta que vive a bombardear o leitor com diversas digressões, comentários, ironias entre outros juízos de valor que a escritura pode carregar.

O narrador de Saramago é um ser onisciente-intruso, que age como Demiurgo e comenta cada ação das personagens de suas histórias, mantendo um distanciamento temporal considerável. Este narrador cumpre o papel de ser aquele antigo contador de histórias, que, como referenda Oliveira Filho nasceu “anterior ao romance” (1993, p. 57) e que, por meio de

sua onisciência e saber, pode tão bem dirigir a vida tanto de Antonio Claro quanto a de Tertuliano, dando sempre opiniões sobre o que poderia se realizar, o que poderia ter acontecido ou qual seria

O problema da voz narrativa em Saramago se dá menos pelo seu acontecimento que pela polêmica que professores e escritor tem criado. Isto porque Saramago afirma não existir a clássica distinção entre narrador e autor, afirmação que tumultua a vasta hegemonia acadêmica. O fato é que no caso de sua obra, não existe mesmo muita diferença. Por isso não nos delongaremos aqui a discutir elementos de teoria literária que servirão para outro intuito que não os do romance saramaguiano.

Como já comentamos, Saramago possui algumas marcas singulares de seu estilo que permeiam a narrativa ora analisada. Afastando-se das perspectivas neo-realistas, o escritor português aproxima-se aos escritores latino-americanos do chamado realismo mágico, perspectiva esta que busca pelo meio termo entre a extrema exacerbação da ficção surrealista e o exagero documental do realismo, uma caracterização da visão estética do artista sobre a realidade.<sup>1</sup> Este realismo fantástico, inaugurado em *Memorial do Convento* vai caracterizar a escrita de Saramago e permitir a incursão do fantástico em sua produção artística. Tal fato vai permitir ao escritor assumir uma posição crítica frente ao realismo documental, que por seus extremismos, esgota suas próprias possibilidades. É tal perspectiva que permite a valorização da imaginação e da fantasia para assim rediscutir o que seja a noção de realismo.

É dentro deste viés que Saramago ter a possibilidade de criar de um personagem que possui um duplo, duplo este que vai permitir ao narrador do relato repensar a figura do ser humano, elemento primordial na narrativa saramaguiana, que como referenda Soares “...é temática norteadora da caminhada narrativa(...)” (2004, p.37).

Antes de partirmos para uma análise mais estritamente imanente ao texto, é preciso ressaltar uma última característica do texto saramaguiano que é a feição de vários de seus textos possuírem um pano de fundo histórico. Segundo Linda Hutcheon (1993), o conceito “metaficção historiográfica” se refere a obras de ficção pós-modernas que partem de um fato histórico para a sua ficcionalização e re-interpretação. Esta “des-totalização” da História dá-se por meio de uma revisão da versão oficial do acontecimento histórico e a apresentação de outras possibilidades, outras interpretações. Ora, ao leitor só é permitido conhecer a trama do romance da mesma forma que se pode ter informações sobre o acontecimento histórico oficial, ou seja, por meio da linguagem.

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA FILHO, Odil José de. *Carnaval no Convento: paródia e intertextualidade em Memorial do Convento de José Saramago*. São Paulo: Edunesp, 1993. p. 85-97.

Ora, é valendo-se justamente deste conceito que Saramago revisita certos períodos da história para a criação de sua obra literária, promovendo, por meio de seu narrador aquilo que podemos chamar de “encontro dos tempos”, fato que propicia a Saramago erigir uma história não mais calcada nos poderosos, mas sim no ser humano enquanto tal.

Pelo que ficou visto até aqui, é possível perceber que os romances de Saramago possuem uma raiz que valoriza tanto a perspectiva do autor quanto a noção de humanização do ser humano.

Partindo de tais pressupostos, ao nos depararmos com o romance em questão, o que mais nos chama a atenção em sua construção é o fato de que o seu protagonista, diferente de vários outros personagens saramaguianos, é identificado por todo o livro pelo nome de Tertuliano Máximo Afonso. Tal fato deve ser notável já que Saramago elege sempre personagens desprovidos de nomes, que são identificados na maioria das vezes por algum atributo ou função, tais como médico, o policial, o velho da venda preta ou a rapariga dos óculos escuros no *Ensaio sobre a cegueira*, H ou M em *Manual de Pintura e Caligrafia* ou a própria Morte e o Músico em *As Intermitências da Morte*. No entanto, ao denominar e sempre recorrer ao nome completo de seu personagem, Saramago quer como que nos despistar, pois o que parece um nome motivado para dar completude ao personagem se desfaz quando o nome sua significação vai de encontro com a verdadeira natureza do personagem.

Tertuliano no dicionário latino-português vem de TERTULLIANUS, I, s. pr. M. lact.: Tertulliano, natural de Carthago, escriptor ecclesiastico e MAXIMUS, I, s. Cic. Virg. Maximo, por apelido cunctador, que fez parar as victorias de Annibal.

Ao depararmos-nos com um nome que evidencia tamanho poder, acreditamos que Tertuliano seja um homem de espírito forte, força exuberante e de pulso firme. Porém a leitura do livro nos revela um ser apático, depressivo e que é marcado pela solidão que só é driblada pela leitura interminável de um livro de história.

Este fato nos leva a supor que a questão do sofrimento é reservado tanto aos “fracos” quanto aos “máximos” de nossa história, e aí Saramago novamente se põe ao lado do ser humano não para indicar sua fraqueza, mas sim para demonstrar a fragilidade que todo ser humano, não importa ela quem seja, possui.

Este gigante adoecido vem a se despertar para a maravilha do mundo quando se depara com seu duplo e busca, nesta semelhança uma identidade de diferenças. Ao controlar os passos do outro, Tertuliano busca o seu próprio conhecimento, que é freado por seu medo de se identificar ou de enfrentar o resultado de se encontrar com seu duplo.

E toda esta tensão é permeada pelo fato de se querer saber a todo o instante quem seja o “original”, fato que não é respondido pela narrativa e permite a seu leitor o questionamento de quem é original nos dias de hoje.

Bolsa: CNPq - reitoria

### **Referências bibliográficas :**

- COSTA, Horacio. *José Saramago: o período formativo*. Lisboa: Caminho, 1997.
- HUTCHEON, Linda. *Poética da Pós Modernidade: teoria, conceitos e prática*. São Paulo: Imago, 1993.
- OLIVEIRA FILHO, Odil José. *Carnaval Convento: Intertextualidade e Paródia em José Saramago*. São Paulo: Edunesp, 1993.
- \_\_\_\_\_. Documentário Humano: Saramago e o Neo-Realismo. In *Itinerários*. 10: p.53-59, 1996.
- SARAMAGO, José. *O Homem Duplicado*. São Paulo; Companhia das Letras, 2002.
- SOARES, Maria Antônia. *José Saramago: leitor de Pessoa, autor de Ricardo Reis*. Assis, 2004. Tese (Doutorado) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

### **BIBLIOGRAFIA:**

- CALBUCCI, Eugênio. *Saramago: um roteiro para os romances*. São Paulo: Ateliê, 1999.
- COSTA, Horacio. *José Saramago: o período formativo*. Lisboa: Caminho, 1997..
- HUTCHEON, Linda. *Poética da Pós Modernidade: teoria, conceitos e prática*. São Paulo: Imago, 1993.
- OLIVEIRA FILHO, Odil José. *Carnaval Convento: Intertextualidade e Paródia em José Saramago*. São Paulo: Edunesp, 1993.
- \_\_\_\_\_. Documentário Humano: Saramago e o Neo-Realismo. In *Itinerários*. 10: p.53-59, 1996.
- SARAMAGO, José. *O Homem Duplicado*. São Paulo; Companhia das Letras, 2002.
- SOARES, Maria Antônia. *José Saramago: leitor de Pessoa, autor de Ricardo Reis*. Assis, 2004. Tese (Doutorado) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.